

Uma ascensão guiada ao firmamento da literatura portuguesa

A Fundação Cupertino de Miranda abre hoje ao público a sua nova Torre Literária com uma exposição que conduz os leitores pelos textos e contextos de alguns dos mais canónicos escritores portugueses



Um dos curadores, João R. Figueiredo, na mesa que João Mendes Ribeiro desenhou para esta exposição



Livros Luís Miguel Queirós

Com curadoria dos ensaístas António M. Feijó, João R. Figueiredo e Miguel Tamen, professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a exposição *Louvor e Simplificação da Literatura Portuguesa* abre hoje ao público na nova Torre Literária da Fundação Cupertino de Miranda, cujo espaço interior foi transformado pelo arquitecto João Mendes Ribeiro numa rampa de declive suave, ao longo da qual se vão agora sucedendo os principais escritores portugueses, representados por excertos das suas obras, mas também por fotografias, vídeos ou sons, que tanto podem ajudar a situá-los no seu contexto histórico como sugerir modos inesperados de os revisitarmos hoje.



Os três curadores da exposição são também os autores do recém-lançado livro *O Cãnone*, igualmente patrocinado pela Fundação Cupertino de Miranda e do qual se pode considerar que esta mostra é uma espécie de porta de entrada, simplificada, como o seu próprio título (desviado de Mário Cesariny) sugere. Mas que consegue equilibrar uma desejada acessibilidade a públicos muito diversos, e designadamente escolares, com um bem-sucedido esforço para preservar esse olhar original sobre o cânone da literatura portuguesa que as 500 e tal páginas de *O Cãnone* desenvolvem no plano ensaístico.

O percurso expositivo começa logo no átrio da instituição, onde uma espiral de nomes nos dá o elenco dos escritores que vamos encontrar nesta ascensão literal ao nosso firmamento literário, um inventário que inclui ainda, *honoris causa*, Manoel de Oliveira, cuja obra cinematográfica é recorrentemente utilizada ao longo da mostra, ou o geógrafo Álvaro Domingues, cujas imagens dos delírios urbanísticos contemporâneos servem de contraponto às lamentações de Garrett e Herculano sobre a destruição do património.

O primeiro núcleo é ainda de natureza introdutória. Um texto destaca a importância de Camões, mas uma sequência de fotografias de Fernando Lemos, terminando num retrato do actor José Viana em convidativa pose de apresentador de espectáculo de variedades, introduz uma nota de leveza e humor, enquanto a escolha do poema *Camões Dirige-se aos seus Contemporâneos*, de Jorge de Sena, nos mergulha no violento universo da competição canónica.

Começa então uma espécie de viagem literária no tempo, mas que par-

te do presente para o passado. Cada um dos pólos da exposição – cujos textos e outros materiais podem ser guardados, com traduções em várias línguas, nos telemóveis dos visitantes, através de códigos QR – propõe uma data, que corresponde ao ano em que foi publicado o texto que lhe serve de âncora. O primeiro apeadeiro é em 1970, com poemas de Ruy Belo, e o último deixa-nos em 1443, com excertos das crónicas de Fernão Lopes.

Ruy Belo serve para mostrar que a poesia pode ser, por exemplo, celebração, como no poema que dedicou ao ciclista José Maria Nicolau, ou evocar e transfigurar dimensões do quotidiano pessoal, como no ciclo *Variações sobre o Jogador do Pião*, para o qual remetem três vídeos de João Tuna, que mostram folhas dispersas, o próprio movimento do pião e uma bicicleta, que alude a José Maria Nicolau, mas também avisa o visitante de que é tempo de pedalar para a próxima etapa desta prova de montanha.

Sem pretender descrever detalhadamente todo o percurso, o que estragaria o efeito de surpresa numa exposição onde não faltam pormenores inesperados, refira-se apenas que de 1970 se salta para 1951, quando é publicado o poema *Um Adeus Portugêses*, de Alexandre O'Neill, a quem os curadores deram como companhia Cesariny e Vitorino Nemésio.

Na paragem seguinte, 1922, Álvaro de Campos espera-nos com o seu *Soneto Já Antigo* e com esse *Escrito Num Livro Abandonado em Viagem*, que fecha com a inscrição: “Fui como ervas e não me arrancaram”.

Nobre e o seu *Só* centram o pólo de 1892, que se estende a Sá-Carneiro e a outros autores “sem jeito para o negócio”, como escreveu Cesariny. O envelope da carta que Sá-Carneiro enviou a Pessoa anunciando o seu suicídio é uma excepção numa mos-

tra que não apostou em objectos auráticos dos escritores.

Um retrato à letra

Acelerando o passo, que o fim da página está próximo, alguns dos autores em destaque nos núcleos seguintes são Cesário, Camilo, Garrett e Bocage, em cuja sala se encontra um curioso dispositivo, o Photomaton, que parece uma cabine para fotografias tipo passe. E fotografa de facto o visitante, mas depois pede-lhe que escolha um texto e compõe-lhe um retrato usando exclusivamente as letras do escrito que preferiu.

O Padre António Vieira, cuja estatuária tem estado envolta em polémica, é aqui evocado como antiesclavagista, antes de entrarmos no pólo dedicado às viagens marítimas portuguesas, tutelado por Fernão Mendes Pinto e Camões, que regressa na sala seguinte com a criação do Adamastor e as redondilhas *Sóbolos Rios*. Dá-lhe contemporânea réplica o poeta António Franco Alexandre.

Gil Vicente, Sá de Miranda e Fernão Lopes aproximam-nos do fim desta travessia, com o regresso ao átrio, onde os visitantes encontram uma selecção de livros dos autores presentes na exposição, e também *O Cãnone*, que pode ser aqui adquirido.

Se pela descrição ficou a pensar num passeio aprazível, saiba, leitor, que não é bem assim. Ver Bocage a ilustrar latas de atum é divertido, mas as ilustrações dos barcos negreiros não são agradáveis de se ver, nem são de leitura muito aprazível as linhas em que Fernão Lopes lamenta os excessos dos seus compatriotas que deram o bispo castelhano de Lisboa a comer aos cães. Uma passagem que esta exposição faz coincidir com uma série de sombrias imagens de Fernando Lemos mostrando carnes penduradas num talho.

lmqueiros@publico.pt